

Ensino de Libras como L1: importância da visualidade aplicada

RESUMO

Joseane Maciel Viana
joseane.mviana@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9207-0687>
Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

Tatiana Bolivar Lebedeff
tblebedeff@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0586-349X>
Universidade Federal de Pelotas
(UFPEL), Pelotas, RS, Brasil.

Este trabalho teve o objetivo principal de refletir sobre o ensino de Libras como primeira língua (L1) para surdos, destacando a importância da visualidade aplicada às estratégias educacionais. A pesquisa debruçou-se sobre o projeto "Lados da história - as Charqueadas, o Rio Grande do Sul, o Brasil e os Surdos", realizado em uma escola bilíngue Libras/Português do sul do RS. A metodologia da pesquisa-ação adotada para este estudo buscou uma abordagem qualitativa para a análise dos dados. Os estudos sobre a educação de surdos e o ensino de línguas em geral - para surdos e ouvintes - embasaram a revisão teórica e as discussões apresentadas aqui. A análise do planejamento e da execução mostrou lacunas que ainda estão em aberto na educação de surdos, como a problematização sobre a visualidade no fazer docente e a necessidade de práticas alinhadas ao letramento visual e digital. Ao debater os tópicos levantados, o texto buscou, ainda, apontar possibilidades visualmente aplicadas para o ensino de Libras como L1 para surdos.

PALAVRAS-CHAVE: Libras como L1. Educação Bilíngue de Surdos. Visualidade Aplicada.

INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras como primeira língua (L1) para alunos surdos é um campo que exige metodologias específicas e um olhar atento às particularidades da comunicação visual. Sendo assim, este trabalho é resultado de inquietações surgidas durante a observação e o planejamento para a prática docente, reflexões sobre as estratégias adotadas e considerações acerca das percepções no decorrer da aplicação do projeto interdisciplinar intitulado *Lados da história - as Charqueadas, o Rio Grande do Sul, o Brasil e os Surdos*.

O trabalho aqui apresentado é fruto de um estágio curricular em Letras-Libras e foi composto por duas experiências docentes: as aulas regulares de Libras e um projeto interdisciplinar na mesma escola. Neste artigo, o foco limitou-se a esta última, por ter ocorrido de forma colaborativa com os demais professores e diferentes adiantamentos, do 6º ao 9º do Ensino Fundamental (EF). A experiência docente em uma escola bilíngue para surdos pode ser uma ilustração poderosa da importância do conceito de *visualidade aplicada* (Lebedeff, 2017). Por isso, o trabalho com professores mais experientes trouxe pontos importantes para a reflexão sobre o projeto e o desenvolvimento do conceito estudado. Entende-se que este exercício pode auxiliar o fortalecimento da área da educação de surdos, uma vez que buscou detectar e compreender estratégias visuais no desenvolvimento linguístico dos alunos surdos em sua L1 – Libras.

O conceito de *visualidade aplicada* enfatiza a importância de experiências educacionais que priorizam a comunicação visual, fundamental para alunos surdos, que aprendem e interagem principalmente através de sinais e recursos visuais (Lebedeff, 2017). Com o objetivo geral de refletir sobre possibilidades para o desenvolvimento da Libras enquanto L1 de estudantes surdos com base no conceito de *visualidade aplicada* de Lebedeff (2017), esta pesquisa voltou-se para: (a) debater sobre os conceitos de experiência visual, visualidade e visualidade aplicada na educação de surdos; (b) descrever e analisar o projeto interdisciplinar desenvolvido na escola bilíngue de acordo com os conceitos estudados; e (c) apontar e debater sobre algumas possibilidades para o trabalho com a recepção e produção da Libras a partir da *visualidade aplicada*.

Para além da autora supracitada, este trabalho embasou suas reflexões em outros estudos sobre a educação de surdos, como Campello (2008), Stumpf e Linhares (2021) e Rosado e Taveira (2017, 2023). A metodologia adotada aqui foi a pesquisa-ação, a qual se caracteriza por ser de abordagem qualitativa, com base empírica e que tem a sua motivação na solução de problemas (Paiva, 2019). Na prática, partiu-se da reflexão teórica para a construção de estratégias didáticas alinhadas ao desenvolvimento da visualidade de forma aplicada ao conteúdo abordado no projeto e culminou com a compreensão e descrição de possibilidades educacionais para o ensino de Libras como L1 para surdos.

EDUCAÇÃO DE SURDOS E VISUALIDADE

A educação de surdos vem sendo reconstruída por várias mãos, surdas e ouvintes, desde 2002, com a publicação da Lei de Libras, Lei n. 10.436 (Brasil, 2002). Com ela, o Movimento Surdo brasileiro vem trazendo diferentes questionamentos para a sociedade sobre a sua relação com as pessoas falantes de Libras. Um dos pontos frequentemente debatidos é o ensino de pessoas surdas tendo a Libras como língua de instrução. Para além do uso da Libras em sala de aula, estão sendo debatidos os recursos utilizados nesses ambientes. Para a construção e para o uso destes recursos que este trabalho está voltado.

Lebedeff (2010, p. 176) afirma que há uma “distância entre discurso (o surdo é sujeito visual) e prática (experiência visual não é privilegiada na escola)”. Prates e Lino (2021 *apud* Ribeiro; Rosário, 2023, p. 448), evidenciam que ainda há marcas desta falta de valorização da experiência visual na educação de surdos, pois “embora estejam em sala de aula, continuam sendo excluídos, já que as práticas de ensino se baseiam na língua oral que, muitas vezes, se sobrepõe ao uso de ferramentas visuais”. Os autores responsabilizam uma boa parcela desta ausência à “fragilidade na formação inicial docente” e aos cursos de formação continuada generalistas, os quais resultam no ensino de Libras de forma instrumental sem a conscientização e construção de materiais que tragam a experiência visual surda para a sala de aula (Ribeiro; Rosário, 2023).

O artefato cultural *experiência visual* é a principal característica que difere o sujeito surdo dos sujeitos ouvintes na forma de conceber o mundo e construir o seu conhecimento (Strobel, 2008). A partir disso, compreende-se a importância deste artefato no desenvolvimento de práticas educacionais para surdos. Segundo Quadros (2003 *apud* Lebedeff, 2017) defende que “a experiência visual [deveria deixar] de ser relegada a um segundo ou terceiro plano, devendo passar a ser o centro das atenções, pois ela é a base do pensamento e da linguagem dos surdos” (p. 230).

Os materiais didáticos, assim como a metodologia utilizada na educação de surdos, precisam estar embasados em estratégias que tragam este artefato cultural para o centro do seu planejamento, sendo a base da construção do conhecimento dos alunos (Lebedeff, 2017; Rosado; Taveira, 2017; Ribeiro; Rosário, 2023).

A Libras, por ser uma língua viso-gestual, pode ser facilmente pensada como um recurso visual necessário para o ensino de surdos, mas ela não é suficiente. Esta pesquisa reforça a compreensão de que a Libras deve ser a língua de instrução, mas precisa estar inserida em uma metodologia que abarque a visualidade surda. A Pedagogia Visual traz que “a ‘experiência visual’ também é um ‘espaço de produção’” (Quadros, 2007 *apud* Campello, 2008, p. 206), mostrando o papel fundamental da visualidade na construção do conhecimento das pessoas surdas. Sendo assim, defende-se que a *experiência visual* é o artefato cultural a ser priorizado nos estudos dentro do termo *visualidade aplicada*, ou seja, como as práticas de acessibilidade e inclusão em educação podem ser pensadas a partir das experiências visuais dos alunos surdos.

Rosado e Taveira (2023) em seus estudos sobre a visualidade com pessoas surdas, trazem possibilidades para a construção de uma metodologia mais próxima dos artefatos culturais surdos no seu desenvolvimento acadêmico. Os autores, ao subverterem a lógica educacional ouvintista tradicional, relatam maior participação dos alunos com surdez, através de elementos visuais que valorizam e aprimoram a visualidade deles. Ribeiro e Rosário (2023) identificaram, quando relacionaram os recursos visuais e as estratégias de ensino nos artigos coletados em seu estudo, que esta é uma tendência quando a metodologia está voltada para a aprendizagem significativa de todos os alunos, incluindo os surdos. Ou seja, os autores afirmam que, nesses contextos, “as práticas mais tradicionais centradas no professor e, conseqüentemente, em sua oralidade dão lugar a práticas focadas nos alunos” de forma gradual, porém sistemática (Ribeiro; Rosário, 2023, p. 461). Os autores salientaram que, em suas pesquisas, o fato de a metodologia priorizar as diferenças na aprendizagem das pessoas surdas não fez com que os outros alunos (ouvintes) deixassem de ser atendidos em suas necessidades escolares.

Em geral, os recursos visuais mais utilizados em escolas públicas são imagens ou elementos concretos para potencializar o aprendizado, porém, muitas vezes, mesmo atividades mais simples envolvendo esses recursos esbarram na dificuldade de compreensão dos alunos. Esses acontecimentos são usados como argumentos para invalidar a capacidade de aprender das pessoas surdas, o que é um retrocesso. Rosado e Taveira (2023) ressaltam a importância de a educação de surdos se alinhar ao princípio democrático do letramento visual, ou seja, enxergar e trazer as imagens disponíveis para dentro da escola. Igualmente, é preciso considerar a necessidade de tempo disponível para que o professor produza seus materiais didáticos, com o objetivo de criar uma sala de aula cuja ambiência seja mais visual, preocupada com a leitura de imagens.

Sendo assim, para os autores, o *letramento visual*¹ tornou-se um passo em direção à Pedagogia Visual de Campello (2008). Com uma metodologia envolvendo Libras como língua de instrução em um ambiente visualmente pensado para o ensino de surdos, a educação tem se construído em uma “lógica surda” de desenvolvimento acadêmico. Nas práticas de contação de histórias, com elementos visuais além da Libras, realizadas e analisadas por Rosado e Taveira (2023), pôde-se observar o quão importante os elementos visuais foram para a compreensão do todo literário por crianças surdas. Ao observarem “para onde as crianças olhavam”, Rosado e Taveira (2023, p. 17) perceberam que:

[...] elas passeiam os olhos pelo cenário e por meio dos contadores pousam os olhares nos objetos, mas tomam para si essa ambiência se apropriando de maquetes, encenações, animações e tornam-se pequenos sinalizadores de suas elaborações mentais externalizadas no uso da cenografia.

A visualidade, diante dos estudos apresentados, se tornou parte fundante da Pedagogia Visual (Campello, 2008), não apenas por utilizar-se da visão para ter acesso à informação, mas a *experiência visual* sendo um diferencial no ensino de surdos. Para além disso, constatou-se a necessidade do trabalho com um letramento visual (Reily, 2006 *apud* Rosado; Taveira, 2023) para que os alunos tenham condições de construir as suas narrativas sobre o conhecimento adquirido.

Enfim, este trabalho traz essa revisão teórica para reforçar a necessidade do desenvolvimento de uma “visualidade aplicada”, para que “as práticas pedagógicas, os artefatos tecnológicos, as arquiteturas curriculares e os próprios prédios das escolas de surdos sejam problematizados e propostos a partir da compreensão da experiência visual” (Lebedeff, 2017, p. 248).

LADOS DA HISTÓRIA – AS CHARQUEADAS, O RIO GRANDE DO SUL, O BRASIL E OS SURDOS: ESTRATÉGIAS VISUAIS PARA O ENSINO DE LÍNGUA

Após o estudo teórico realizado, foram elencados os conceitos basilares para a prática pedagógica que se seguiu. Para o desenvolvimento da segunda etapa prática do estágio supervisionado em uma escola bilíngue de surdos no sul do Rio Grande do Sul, a ideia foi planejar uma saída de campo com base nos princípios do letramento visual e tornar aquelas atividades visualmente aplicadas ao ensino de Libras como L1. Durante as observações e entrevistas requeridas pelo estágio, foi informado que os alunos teriam uma visita a uma das charqueadas mais famosas nas proximidades da escola em um dos dias de estágio na escola e se, pela atuação na área da interpretação de/para Libras e LP, a estagiária poderia estar junto, apoiando a escola.

O momento se mostrou propício para oportunizar uma reflexão sobre a história da região, desenvolvendo atividades didáticas relacionadas ao *letramento visual* (Santaella, 2012 *apud* Rosado; Taveira, 2017) em um projeto interdisciplinar que contemplasse diferentes conhecimentos e aprimorasse a compreensão e produção em Libras. Sendo assim, pode-se dizer que o processo de planejamento e prática didática de todo o estágio buscaram alinhar-se à Pedagogia Visual (Campello, 2008), aproveitando o momento do projeto interdisciplinar para a realização de uma investigação acerca da *visualidade aplicada* (Lebedeff, 2017) no ensino de Libras para surdos.

O trabalho realizado durante o projeto foi desenvolvido através de uma pesquisa-ação crítica, a qual tem a característica de ser mais voltada para a produção de conhecimento teórico e prático sobre uma determinada situação de ensino e aprendizagem de língua, com a ênfase maior em produzir conhecimento útil para o grupo de participantes do projeto (Paiva, 2019). Essa pesquisa se alinha ao conceito proposto por Zozzoli (2006 *apud* Paiva, 2019, p. 72), pela qual “a proposta [da pesquisa-ação] é conhecer melhor as questões em jogo e refletir sobre encaminhamentos de ações em busca de transformação da realidade”. A realidade debatida, aqui, é a Educação de Surdos, mais especificamente, o ensino de Libras como L1.

Em termos de organização, esta seção será subdividida em três partes a fim de descrever a “pesquisa para a ação”, a “pesquisa em ação” e a “pesquisa da ação”, conforme propõe Sagor (1992 *apud* Paiva, 2019), para debater o planejamento, a observação da prática, e a reflexão sobre o desenvolvimento do projeto, respectivamente, propondo os encaminhamentos de ações para a visualidade aplicada à educação de surdos.

PESQUISA PARA A AÇÃO: AS AULAS E OS ESTUDOS TEÓRICOS COMO PONTO DE PARTIDA

Durante os encontros com a turma do 9º ano do EF para as aulas de Libras como L1, antes de iniciar o período do projeto interdisciplinar, já era percebido que a dinâmica das aulas favorecia a interação entre os alunos, pois eles se sentavam em semicírculo, facilitando a comunicação em língua de sinais – língua de instrução durante todo o tempo na escola. Essa disposição espacial é crucial para o aprendizado, pois permite que todos os alunos vejam e interajam visualmente. Porém, pela natureza visuo-espacial da língua dificulta, Lebedeff (2017) argumenta que as escolas devem criar experiências educativas que valorizem a visualidade, e acredita-se que ela precisa estar presente tanto como ferramenta de partida, como de registro e retomada dos assuntos tratados em aula.

As observações realizadas nesse primeiro contato com os alunos reafirmaram a necessidade da utilização de materiais visuais para a promoção de um ambiente onde os alunos pudessem expressar suas ideias livremente por meio da Libras e com o apoio de recursos visuais. Tanto a recepção como a produção linguística, pensando na visualidade da Libras, podem ser feitos através de vídeos ou por um dos sistemas de escrita de sinais. Pode-se afirmar, diante desta vivência na escola, que a disposição dos alunos em aula, acrescida ao uso de materiais criados especificamente para o ensino de surdos, não apenas facilita a comunicação e o aprimoramento da Libras, mas também promove um ambiente de aprendizado mais inclusivo e participativo.

Com o entendimento de que as escolas devem criar experiências significativas que privilegiam a experiência visual dos alunos surdos (Lebedeff, 2017) através de estratégias didáticas alinhadas à Pedagogia Visual (Campello, 2008), o projeto *Lados da história: as Charqueadas, o Rio Grande do Sul, o Brasil e os Surdos* foi criado pela pesquisadora para contextualizar e aproveitar uma visita pré-agendada pela escola a uma das charqueadas mais importantes da região, através da preparação dos alunos para a grande quantidade de informações que seriam recebidas por eles em Libras e pelos ambientes e objetos que eles teriam contato durante a visita. Além disso, o projeto era requisito do estágio supervisionado para graduação em Licenciatura em Letras-Libras, segunda graduação da pesquisadora. O projeto foi construído a partir da leitura de Rosado e Taveira (2023) e Lebedeff (2010, 2017) e que serviram de base para as atividades com um bom aproveitamento pelos alunos durante as aulas de Libras da pesquisadora/estagiária: o uso de fotografias com imagens reais e informações no sistema de escrita de sinais, o *SignWriting* (SW), escolhido em função do uso dele pela professora de LP da escola e, por isso, conhecimento básico dos alunos.

O ciclo do Charque e a história das Charqueadas na cidade em que se desenvolveu esta pesquisa se passa entre 1780 e 1937. A propagação destas propriedades rurais de caráter industrial foram as responsáveis pela fase mais próspera da região sul do Rio Grande do Sul. Em decorrência disso, o estado passou a ter sua economia baseada no charque, que, neste período, era predominantemente utilizado como alimento para escravos em diversos lugares

do Brasil e do mundo. Além disso, uma das Charqueadas – a que foi visitada pela escola – serviu de cenário para gravação de algumas produções artísticas, como o filme *O Tempo e o Vento* e a série global *A casa das sete mulheres*. Essas obras retratam o contexto social durante a Revolução Farroupilha, guerra civil importante para a história dos gaúchos.

Para Lebedeff (2010, p. 192), “o importante é colocar-se no lugar do surdo, pensar em como possibilitar leitura e compreensão do mundo prescindindo da audição. A resposta para este pensamento empático apontará, com certeza, para o letramento visual”. Diante disso, foram pensadas atividades que “ensinaram” os alunos a “olharem com outros olhos” (Lebedeff, 2010) para a charqueada a ser visitada na saída de campo. Entendeu-se essa estratégia como uma atividade de letramento visual.

PESQUISA EM AÇÃO: O PROJETO INTERDISCIPLINAR

Para melhor compreensão da pesquisa, segue uma tabela com a descrição das atividades do projeto criado e colocado em prática pela estagiária junto aos docentes das demais disciplinas envolvidas.

Quadro 1 - Projeto interdisciplinar

Projeto Lados da história - as Charqueadas, o Rio grande do Sul, o Brasil e os Surdos	
Componentes curriculares envolvidos:	Libras, Língua Portuguesa, História, Geografia e Ciências
Adiantamentos participantes:	Ensino Fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos)
Realização:	Dois turnos - manhã e tarde (no mesmo dia)
Objetivo geral:	Refletir sobre alguns pontos da história dos surdos em comparação com a das Charqueadas, a da cidade, a do Rio Grande do Sul e a do Brasil.
Objetivos específicos:	(a) Compreender e comparar fatos históricos em Libras. (b) Debater em Libras sobre assuntos alheios ao “mundo surdo”. (c) Reconhecer e valorizar o direito de ser e estar no mundo a partir dos acontecimentos estudados.
Atividades realizadas	
Manhã (4h/a com intervalo):	Explicação das atividades. Reflexão sobre a história dos surdos e a do povo gaúcho, através da história das Charqueadas da cidade. Criar perguntas para serem feitas durante a visita guiada. Este momento foi realizado em conjunto, ou seja, todos os professores participaram das discussões e orientaram os alunos nos grupos.
Tarde (4h/a com intervalo):	Saída de campo com os alunos. A escola levou todos os alunos para uma visita guiada na charqueada. Apenas os alunos participantes do

confraternização):	projeto precisaram participar ativamente. A atividade ocorreu durante toda a tarde, culminando com uma confraternização organizada pela equipe diretiva da escola.
Recursos didáticos utilizados:	Manhã: quadro, canetas coloridas para escrever no quadro, notebook com tela grande, um mapa-múndi e mapas do Brasil e do Rio Grande do Sul, figuras impressas, sinais em Libras impressos em <i>SignWriting</i> , massinhas adesivas removíveis, caderno e caneta. Tarde: não se fizeram necessários recursos específicos para este turno.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Apesar de envolver outros componentes curriculares, a análise proposta aqui gira em torno do ensino de Libras como L1 para surdos e o uso da visualidade no desenvolvimento das atividades, ou seja, a *visualidade aplicada* ao ensino de língua. A descrição das atividades seguiu a estratégia de Lebedeff (2010) com as oficinas de letramento, porém detalhando e refletindo sobre dois encontros apenas – um no turno da manhã (conversa com os alunos) e outro no turno da tarde (saída de campo).

O encontro no turno da manhã contou com oito alunos de todas as turmas do Ensino Fundamental II. Os grupos são pequenos, tendo, em média, quatro a cinco alunos em cada. Nesse dia, alguns não compareceram pela manhã pela impossibilidade de participarem da visita à tarde. Enfim, o grupo participante do projeto foi composto por sete alunos surdos, uma aluna surda-cega, quatro professores titulares da escola e a estagiária/pesquisadora. Em relação ao uso da visualidade, cabe salientar que a aluna surda-cega conseguia enxergar de perto, por isso ela se sentou bem próxima ao quadro e demandou maior atenção de uma das professoras participantes. Nos momentos de leitura em LP pelos alunos surdos, a professora aproveitava para mostrar para ela, de forma tátil, o mapa mental construído com o grande grupo.

Figura 1 – Atividade da manhã – Conversa com os alunos e leitura em LP



Fonte: Arquivo pessoal das pesquisadoras (2023).

Com o intuito de que os alunos aproveitassem ao máximo a saída de campo, optou-se por revisar conhecimentos de geografia e história, compreendendo melhor o contexto de exploração no qual foi constituído o mercado do charque na








cidade e arredores. Esta revisão sobre o contexto histórico de exploração escravagista, e geográfico da escolha desta região para “castigo” dos escravos de outras regiões do país e para a produção do charque foi feita por meio de fotografias e explicação em Libras pela estagiária com auxílio dos demais professores presentes, principalmente do professor titular de Libras. Um pouco das informações levadas estava disponível no sítio eletrônico do museu, que não tinha tradução para a Libras, mas as demais foram incorporadas a partir de pesquisas realizadas pela pesquisadora e auxílio dos professores participantes do projeto.

Para que os alunos pudessem “visualizar” os temas propostos para a discussão neste projeto, optou-se por usar o *gráfico em teia (web)*, com base nas oficinas de letramento visual realizadas por Lebedeff (2010). Também conhecido como *cluster* ou *cloud*, o gráfico em teia “é um tipo não linear de gráfico organizador, que auxilia a sistematização de ideias originadas a partir de um tópico central” (Lebedeff, 2010, p. 185). Durante a montagem do gráfico, os alunos foram questionados sobre as figuras e os eventos que se sobrepunham acerca da história do ciclo do charque (1780-1937) e do Movimento Surdo (fundação da primeira escola de surdos em 1855 – INES no RJ).

As figuras impressas e afixadas no quadro foram escolhidas buscando um significado na experiência visual surda, ou seja, aplicando a visualidade em uma atividade de pré-leitura em LP (Lebedeff, 2010). No decorrer da exposição e do debate foi construído, em conjunto com os alunos, este gráfico em teia sobre as charqueadas, composto de figuras, léxico em Libras (SW) e em LP. Com esses materiais, os alunos trabalharam o uso da Libras (assemelhando-se a atividades de oralidade em LP) na recepção e produção linguística com base em um tema central – o ciclo do charque e a história das charqueadas.

Conforme a discussão foi evoluindo, imagens e figuras com termos em Escrita de Sinais (SW) foram afixados no quadro, além de palavras escritas em LP para que o aprendizado fosse aproveitado em todas as disciplinas (Quadro 2).

Quadro 2 – Figuras afixadas no quadro

Quadro 2 – Figuras anexadas no quadro				
				
Charqueada visitada	Charque	Pessoas escravizadas nas Charqueadas		
LIBRAS (SignWriting)				
Português	escravidão	sofrimento	charqueada	Rio Grande do Sul
Alguns sinais em SW				

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Após este momento, foram distribuídos textos em LP escrita, retirados do site da charqueada que eles visitariam à tarde, que explicavam um pouco da história do local – agora já conhecida em Libras. A escolha pelo uso de textos escritos em LP se deu como forma de contato com a realidade encontrada na maioria das vezes pelas pessoas surdas: informações em LP escrita sendo uma das principais fontes de conhecimento.

Esta atividade mostrou que alunos dos diferentes adiantamentos conseguiram interagir e construir as discussões, mesmo que com diferentes níveis linguísticos e de conhecimento sobre a história debatida, pois o gráfico em teia auxiliava na compreensão e argumentação das suas ideias. Observou-se que a construção deste gráfico, incluindo o mapa político do estado do Rio Grande do Sul e a variedade de palavras da LP e de sinais da Libras para explicitar o tema proposto, colaborou para que os alunos mantivessem a atenção na atividade.

Assim como Rosado e Taveira (2017) perceberam que era importante dar atenção “para onde os alunos olhavam”, observou-se que os alunos usavam o gráfico e as figuras para construir suas narrativas sobre o ciclo do charque ou sobre a situação das pessoas escravizadas nas charqueadas, quando questionadas sobre isso ou ainda para auxiliar na compreensão destes assuntos pelos colegas. Isso ratifica que “as características e os atributos do visual não podem ser desconsiderados no aprendizado” (Rosado; Taveira, 2017, p. 27), ou seja, acredita-se que apenas a Libras não teria o mesmo aproveitamento durante os momentos planejados para a conversa com os alunos no turno da manhã. O uso do gráfico em teia para a explosão de ideias e pré-leitura acerca do assunto (Lebedeff, 2010) mostrou-se eficaz com os alunos surdos do EF II e com a proposta de reflexão sobre o período de exploração com as pessoas negras, pois os alunos puderam retornar a fatos e conceitos através da organização visual feita no quadro e em conjunto com eles nos debates proporcionados pelas provocações dos professores e estagiária.

A educação de surdos deve ser bilíngue, de acordo com a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa (MEC, 2014), estando a Libras como língua de instrução e a LP como língua de leitura – as duas principais aliadas na construção do conhecimento sobre qualquer área. Por isso, foi defendido, durante a aplicação deste projeto, que ambas precisam ser trabalhadas em todas as disciplinas da escola, através de estratégias visualmente condizentes com a educação de surdos, como foi feito. Desta forma, as línguas foram trabalhadas conforme orientação da Política (MEC, 2014) inseridas nas propostas de Rosado e Taveira (2017) e Lebedeff (2010, 2017). Na atividade do projeto, percebeu-se que os textos em LP distribuídos para a leitura ainda foi de difícil compreensão pelos alunos, mas as imagens funcionaram como um glossário, um repositório de significados visualmente acessível para os alunos (Figura 1).

Nesse sentido, acredita-se que a prática pedagógica proposta para o trabalho com essa etapa do projeto foi planejada e executada a partir da experiência visual, desenvolvendo uma visualidade aplicada e contribuindo para o letramento visual no ensino de Libras como L1 (Lebedeff, 2017). Isso ficou evidente ao final das atividades da manhã, quando os alunos conseguiram formular - mesmo

que com auxílio dos professores – as questões sobre a Charqueada para serem feitas durante a visita.

Durante o turno da tarde, os alunos organizaram-se conforme as regras de visita, que pedia a separação em dois grupos. Como os alunos do EF I também participaram da saída de campo, foi possível colocar todos os estudantes do projeto em um mesmo grupo, separando-os em EF I e EF II. Os professores participantes do projeto que estavam envolvidos na visita procuraram acompanhar os alunos do EF II. A estagiária e pesquisadora precisou atuar, também, como Tradutora Intérprete de Libras e Português (TILSP) durante a visita, porque o museu não disponibilizou esse serviço.

Conforme a visita se desenvolveu, os alunos foram encorajados a fazer as suas perguntas em momentos oportunos pelos professores presentes. Um dos professores mais atuantes nesta etapa foi o professor titular do componente curricular Libras, avisando os alunos do momento dos questionamentos, caso eles não se atentassem ao desenvolvimento da explicação pela guia do museu. Os móveis, utensílios e decorações (cenografia que ficou de uma série e um filme gravados na residência) foram utilizados, muitas vezes, para que os alunos compreendessem melhor a resposta para suas perguntas.

Uma aluna encontrou a resposta da sua pergunta no vídeo introdutório da visita e expressou sua felicidade quando a informação apareceu, olhando para a estagiária com um sorriso e dizendo, em Libras: “esse é o meu tema, já sei a resposta”. Tanto a estagiária/pesquisadora quanto o professor titular perceberam o que aconteceu e concordaram que ela não precisaria fazer a pergunta para a guia. Alguns alunos não fizeram o combinado, mas isso também era esperado.

Os professores envolvidos elogiaram muito a organização, e a direção demonstrou satisfação ao ver os alunos questionando sobre o que a guia explicava. Acredita-se que as saídas pedagógicas precisam ser mais que apenas passeios para os alunos, afinal, todo momento é propício para o aprendizado, ainda mais momentos com tantos recursos visuais a serem explorados pedagogicamente.

PESQUISA DA AÇÃO: O LETRAMENTO VISUAL DE ALUNOS SURDOS

Um dos desafios identificados foi a dificuldade em registrar formalmente as atividades realizadas em Libras. A natureza visuoespacial da língua torna complicado seu registro escrito, o que pode impactar a continuidade do aprendizado se não forem considerados outros tipos de registros nas práticas pedagógicas. O vídeo em Libras apresenta-se como uma opção muito utilizada atualmente, com a facilidade dos celulares com câmera e compartilhamento via internet, porém, foi escolhido o registro em SW para uma comparação de léxico e organização sintática entre a Libras e a LP. Lebedeff (2017) sugere que é crucial desenvolver um currículo que integre experiências visuais de maneira sistemática, que possa propiciar experiências que garantam a construção do conhecimento. Esse currículo estaria alinhado a uma perspectiva de *visualidade aplicada*, demandando um letramento visual contínuo durante a atividade docente.

Alguns dos alunos participantes do projeto já haviam visitado a charqueada escolhida em outras oportunidades, inclusive com a escola em outros anos, mesmo assim, eles reagiram de forma interessante em alguns momentos. Falas como “agora entendi”, “ah! por isso que é assim” e “que interessante, não sabia” foram frequentes. A estagiária/pesquisadora e o professor titular de Libras acompanharam as reações e, em Libras, explicaram novamente o que a guia do museu apresentava, em alguns momentos. Algumas vezes, foi necessário fazer um diálogo detalhado, para que os alunos pudessem interagir com as obras do museu e relacioná-las com a narrativa sobre a história da casa. Analisando posteriormente as atividades desenvolvidas, acredita-se que poderia ter sido utilizado o vídeo como recurso de registro e estudo posterior à visita, para que as discussões pudessem ser revisitadas, como um repositório de materiais criados pelos próprios alunos da escola.

A visita ao museu da charqueada teve importância pedagógica para a formação dos alunos surdos, como é o objetivo maior desses ambientes – compreender a história local com outros olhos. Essa atividade contribuiu para o *letramento visual* dos estudantes, pois, entende-se que este processo

[...] precisa ser compreendido, também, a partir de práticas sociais e culturais de leitura e compreensão de imagens. Por exemplo, não basta ser surdo para “ler” uma imagem, assim como não basta ser ouvinte para apreciar um sarau de poesias (Lebedeff, 2010, p. 179).

Sendo assim, como participar de uma visita guiada e como interagir com as informações ali expostas (verbais e não verbais), aprendendo e relacionando o novo com o que foi conversado anteriormente, em aula, são habilidades linguísticas significativas para o desenvolvimento acadêmico de qualquer estudante. Os momentos de diálogo direto com os professores ocorriam, também, para que os alunos “direcionassem o olhar” (Rosado; Taveira, 2023) durante a explicação da guia do museu e pudessem relacionar as informações verbais e não verbais disponíveis.

Acerca do aprendizado de Libras, foi trabalhado o uso formal e informal da língua. Os alunos eram incentivados a debater (pela manhã) sem atenção ao nível de formalidade, mas durante a visita (à tarde) deveriam organizar a sua fala em consonância com o momento e ambiente. Percebeu-se a postura diferenciada dos alunos e o uso de sinais aprendidos pela manhã nos momentos de interação e questionamentos para a guia. Para a continuidade da disciplina de Libras, esta atividade oportunizou que o professor pudesse trabalhar variação linguística, tipos de frases (afirmativa, negativa e interrogativa, principalmente) e níveis de formalidade da Libras.

Sobre os encaminhamentos de ações para a *visualidade aplicada* à educação, o letramento visual se mostrou como processo permanente importante nas metodologias de ensino de surdos. Lebedeff (2010, p. 193) defende que:

[...] o letramento visual é uma área de investigação e discussão que deve ser melhor aproveitada pelos profissionais da surdez e pela comunidade surda. A leitura de imagens e as estratégias visuais de leitura e interpretação de textos devem ser incentivadas nas escolas e utilizadas não apenas como ferramentas

de apoio e, sim, devem ocupar espaço central na organização do ensino para as crianças surdas.

Sendo assim, a partir da reflexão sobre a aplicação do projeto *Lados da história – as Charqueadas, o Rio Grande do Sul, o Brasil e os Surdos*, pôde-se perceber a necessidade de implementação de atividades de *letramento visual* para um maior aproveitamento da *visualidade* surda na educação no currículo e nas metodologias utilizadas na educação bilíngue de surdos.

VISUALIDADE APLICADA NO ENSINO DE LIBRAS COMO L1

Um usuário maduro da Libras como L1 estaria apto a reconhecer características específicas de diferentes gêneros e tipos textuais, assim como é esperado de usuários de Português oral como L1. Porém, com a experiência do estágio na escola bilíngue Libras/Português, ficaram evidentes lacunas na proficiência linguística em L1 dos surdos ao final do EF, como foi relatado por Stumpf e Linhares (2021), o que prejudicaria o desenvolvimento deles em outras áreas do conhecimento.

A aplicação da visualidade no currículo da educação de surdos demanda o letramento visual, como relatado. Na mesma linha, cabe acrescentar ao debate a necessidade da inserção de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) – na prática pedagógica. Os alunos já usam muitas destas ferramentas sem, necessariamente, estarem cientes do que estão fazendo, ou de suas potencialidades. Cruz (2020) apresenta e debate sobre um ponto interessante: o letramento digital.

Para os surdos, a recepção e produção de conhecimento por meio de vídeos em Libras apresenta-se como uma estratégia útil, desde que eles tenham acesso aos equipamentos demandados para tal e saibam das suas potencialidades. No planejamento, é importante perceber que um vídeo de anotação ao fim da aula é diferente de uma videoaula sobre o assunto, por exemplo. Não se trata de qualidade, mas de tipo de texto, gênero textual, escolhas linguísticas e gramaticais para a construção do texto em Libras a ser gravado. Acredita-se que isso pode ser entendido, também, como desenvolvimento linguístico, ensino de língua visualmente aplicado.

A visualidade aplicada ao ensino de Libras como L1 envolve, diante das reflexões feitas neste trabalho, estratégias, recursos e, também, tecnologias visualmente vinculadas à metodologia proposta. A Libras, como língua de instrução (Stumpf; Linhares, 2021) estaria presente em todas as aulas, mas somente ela não assegura o uso da visualidade pedagogicamente aplicada à educação de surdos.

Para além da Libras, como Campello (2008) argumenta, faria parte da reflexão na construção de materiais visuais a discussão sobre quais recursos visuais seriam interessantes e fariam sentido de serem utilizados em vídeos, quais os sinais que poderiam ser utilizados e que estariam alinhados com o significado e, ainda, quais elementos não ocasionariam ambiguidade no texto, por exemplo. Este

trabalho em Libras ajudaria, não somente no ensino de Libras, mas na reflexão sobre a LP como L2M2² e sobre a LE por consequência.

CONCLUSÃO

A experiência no estágio revelou-se fundamental para compreender as nuances do ensino de Libras como L1. A aplicação do conceito de "visualidade" mostrou-se eficaz na construção de um espaço educativo mais inclusivo e significativo para os alunos surdos. Foi fundamental para o desenvolvimento do projeto que as práticas pedagógicas tenham sido pensadas com foco na visualidade, garantindo as bases para a reflexão dos alunos. Assim, ficou evidente que integrar a experiência visual às metodologias de ensino de língua contribui para uma educação inclusiva e eficaz para surdos.

O desenvolvimento da Libras como L1 através do projeto interdisciplinar, com a saída de campo, demonstrou claramente como o uso da experiência visual pode influenciar positivamente a aprendizagem de alunos surdos. Retomando Lebedeff (2017, 234), "do ponto de vista da experiência visual, percebe-se a importância do papel visual da língua e de como esta visualidade pode (ou não) estar incorporada na atividade docente". Ao criar um ambiente educacional que valorize a comunicação visual e as práticas pedagógicas pensadas para este público, é possível promover um aprendizado mais significativo e engajador. É importante, ainda, que as metodologias de ensino continuem a incorporar elementos visuais através de um processo contínuo de letramento visual desses estudantes.

Acredita-se que este trabalho foi ao encontro dos seus objetivos pontuais e de objetivos educacionais maiores, como o de conscientizar os alunos sobre as diferentes perspectivas de um mesmo fato, desenvolvendo a sua criticidade. Ainda, esta pesquisa buscou "refletir sobre a *experimentação criadora*, através de produtos visuais", mesmo que não tenha avançado na linha da mídia-educação, ela foi "em busca da visualidade surda" (Rosado; Taveira, 2023, p. 19) como base de construção do conhecimento do aluno surdo.

Teaching Libras as L1: the importance of applied visibility

ABSTRACT

This paper had the main objective of reflecting on the teaching of Libras as a first language (L1) for deaf people, highlighting the importance of visibility applied to educational strategies. The research focused on the project "Sides of history - the Charqueadas, Rio Grande do Sul, Brazil and the Deaf", carried out in a bilingual Libras/Portuguese school in the south of RS. The "pesquisa-ação" research methodology, adopted for this study, sought a qualitative approach to data analysis. Studies on deaf education and language teaching in general – for deaf and hearing people – supported the theoretical review and discussions presented here. The analysis of planning and execution showed gaps that are still open in deaf education, such as the problematization of visibility in teaching and the need for practices aligned with visual and digital literacy. When debating the topics raised, the text also sought to point out visually applied possibilities for teaching Libras as an L1 for the deaf.

KEYWORDS: Libras as L1. Bilingual Education for the Deaf. Applied Visibility.

Enseñanza de Libras como L1: la importancia de la visualidad aplicada

RESUMEN

Este artículo reflexiona sobre la enseñanza de la Libras como primera lengua (L1) de las personas sordas, destacando el papel de la visualidad en las estrategias educativas. El estudio se centró en el proyecto “Lados de la historia – las Charqueadas, Rio Grande do Sul, Brasil y las personas sordas”, realizado en una escuela bilingüe Libras/Portugués en el sur de Brasil. La metodología de investigación-acción adoptada siguió un enfoque cualitativo. Los estudios sobre educación de sordos y enseñanza de lenguas, tanto para personas sordas como oyentes, fundamentaron el marco teórico y las discusiones presentadas. El análisis del proceso de planificación y ejecución evidenció vacíos aún presentes en la educación de sordos, como la necesidad de problematizar la visualidad en la enseñanza y de desarrollar prácticas alineadas con la alfabetización visual y digital. Al debatir estos temas, el texto también busca señalar posibilidades de estrategias educativas aplicadas desde la visualidad para la enseñanza de Libras como L1 de las personas sordas.

PALABRAS CLAVE: Libras como L1. Educación bilingüe de sordos. Visualidad aplicada.

NOTAS

1 Neste trabalho, entende-se letramento visual conforme estudado por Santaella (2012 apud Rosado; Taveira, 2017), o que significa dizer que para uma pessoa ser letrada visualmente ela precisaria desenvolver a capacidade de ler uma imagem, desmembrando-a em partes, decodificando-a e interpretando-a, como se faz durante uma leitura em voz alta, ou ainda uma tradução.

2 De acordo com o Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue de Surdos (MEC, 2014), a LP para surdos precisa ser entendida como uma L2M2, por tratar-se de uma segunda língua em uma segunda modalidade, em comparação com a Libras. Mas este não é o foco deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 7 dez. 2025.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91182>. Acesso em: 7 dez. 2025.

CRUZ, Maria de Lourdes Otero Brabo. As TICS no uso da linguagem e aprendizagem de línguas. **Open Minds International Journal**. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-24, 2020. Disponível em: <https://openmindsjournal.com/index.php/openminds/article/view/28/20>. Acesso em: 7 dez. 2025.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Aprendendo a ler “com outros olhos”: relatos de oficinas de letramento visual com professores surdos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36. p. 175-195, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1606>. Acesso em: 7 dez. 2025.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak, 2017. p. 226-251.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (SECAD), **Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias no 1.060/2013 e no 91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa, 2014.** Brasília, F: MEC, 2014. Disponível

em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/20282.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

RIBEIRO, Renan Michel Costa; ROSÁRIO, Hilda Rosa Moraes de Freitas. A visualidade com alunos surdos na Educação Básica: um mapeamento de publicações nacionais. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 12, n. 24, p. 445-467, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2023.12.24.445-467>. Acesso em: 8 jan. 2025.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. Em busca da visualidade surda: entrelaces de experiências em três projetos de pesquisa-ação no INES. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/11202/47968651>. Acesso em: 7 dez. 2025.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; TAVEIRA, Cristiane Correia. O letramento visual como chave de leitura das práticas pedagógicas e da produção de artefatos no campo da surdez. In: LEBEDEFF, Tatiana Bolivar *et al.* (org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak, 2017. p. 17-47.

STROBEL, Karin Lílian. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi, LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

Recebido: 29 ago. 2025

Aprovado: 18 dez. 2025

DOI: 10.3895/rtr.v10n0.20790

Como citar: VIANA, J. M.; LEBEDEFF, T. B. Ensino de Libras como L1: importância da visualidade aplicada. **R. Transmutare**, Curitiba, v. 10, e20790, p. 1-18, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Joseane Maciel Viana
joseane.mviana@gmail.com

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

